



Denise Paulme-Schaeffner (1909-1998) ou  
a história de uma determinação<sup>1\*</sup>

Françoise Héritier

Professora honorária do Collège de France.

\* Tradução Miriam Pillar Grossi e Carmen Sílvia Moraes Rial.

### **Resumo**

*O artigo trata da trajetória biográfica de Denise Paulme, aluna de Mauss no início dos anos 30 e responsável pela edição do seu livro clássico "Manual de Etnografia". Foi uma das primeiras antropólogas francesas a realizar trabalho de campo na África. Françoise Héritier, ela mesma uma antropóloga africanista consagrada, desenha o quadro do percurso acadêmico de Denise Paulme (início da Antropologia na França, a formação das instituições, de como as mulheres se situavam nelas) ao mesmo tempo em que ressalta os detalhes do percurso pessoal de uma das personalidades femininas mais fascinantes da Antropologia francesa.*

### **Palavras-chaves**

História da Antropologia, África, Dogonês, Mauss, mulheres antropólogas

**E**m volta de mim todo mundo sempre se referiu a ela como “nossa querida” ou “a querida” Denise; quando ela vivia e depois de sua morte. Ela era, de fato, nossa querida Denise. Era como um bem precioso que nós dividíamos mas que cada um de nós gostaria de ter apenas para si, particularmente. Não que ela fosse inclinada a demonstrações de afeto, longe disso. Não era seu estilo. Ela era às vezes áspera, sempre direta, jamais prolixa. Uma certa rigidez, com um toque de rudeza, mas sem nenhuma dureza pois nunca impunha distância e não construía barreiras entre ela e os outros. Sob sua franqueza, percebia-se seu calor e sua solicitude vigilante pelo mundo que ela tinha escolhido como seu.

Ela nunca se debruçou sobre si mesma. No entanto, contou rapidamente em dois momentos<sup>2</sup> como tinha chegado na Etnologia. Nada lhe predispunha a essa carreira, apenas o desconforto intelectual em que se encontrava. Filha única, nascida em uma família sem grande curiosidade intelectual, ela foi obrigada a trabalhar como datilógrafa ao mesmo tempo em que seguia, “sem entusiasmo” a Faculdade de Direito. Viveu dois anos “num grande isolamento moral” antes de assistir as aulas de “instruções de etnologia para uso de administradores coloniais, missionários e exploradores” ministradas por um certo Marcel Mauss, no Instituto de Etnologia na rua Saint Jacques. Foi a revelação que a levou a seguir o ensino de Mauss na V<sup>a</sup> Seção na Escola Prática de Altos Estudos (*Ecole Pratique des Hautes Etudes* – EPHE) e a freqüentar a biblioteca do Museu de Etnografia do Trocadero, antes de dar o passo decisivo. Graças a suas economias, obtidas com o trabalho de subsistência, ela pôde, seguindo os conselhos de Mauss, oferecer seu serviços voluntários a Paul Rivet, diretor do Museu. Ela foi bem-vinda ali: em todas as épocas as instituições

sempre tiveram necessidade de uma ajuda. Teria aceito até varrer, disse um dia, para ser admitida. E ela varreu, com efeito: “Eu me encontrava assim, de avental, manejando vassoura e martelo...” pois tudo estava por fazer para o registro dos objetos da Exposição Colonial de 1931 e para preparar a exposição de 1934 que marcaria a inauguração da nova sala da África negra do Museu, com os objetos trazidos pela Missão Dakar-Djibouti. Ficou encarregada dos objetos africanos e particularmente dos objetos dogon.

Denise soube convencer de suas aptidões, de seus conhecimentos, de seus talentos. Marcel Mauss o havia adivinhado, ele que dizia dela, num trocadilho envolvendo seu nome e seu tamanho: “A pequena maça é uma pequena mosca”<sup>3</sup>, e Paul Rivet e Lévy-Bruhl (presidente do Instituto de Etnologia) o confirmaram. Foi com o apoio deles que ela obteve uma bolsa Rockefeller para preparar a tese de doutorado, bolsa partilhada com a lingüista Deborah Lifchitz, mais velha que ela e sua amiga, com quem parte para Sanga, na região dogon, em janeiro de 1935, acompanhando a missão Saara- Sudão. A escolha dos dogon não foi uma escolha pensada “as coisas pareciam andar por si mesmas”, escreveu ela. Denise ficou entre os dogon nove meses (de fevereiro a outubro de 1935).

Foi no Museu de Etnografia e nessa missão que encontrou seu amigo Michel Leris e aquele que seria seu marido, o musicólogo André Schaeffner, para quem escreveu as admiráveis *Cartas de Sanga*, que ela publicou recentemente – contendo os trechos menos íntimos<sup>4</sup>. Pois Denise Paulme era o pudor em pessoa. Duas fotografias datam dessa época laboriosa e entusiasta. Uma, célebre, representa-a de shorts e chapéu colonial, sob um *toguna*, sorridente, destemida. A outra, acaba de ser publicada na revista *Gradhiva* n.23. Nessa foto ela posa olhando para uma máscara de animal que segura com a mão esquerda e que ocupa a metade do espaço; magra, morena, bem-penteada e vestindo blusa de trabalhadora. Nesse jogo imprevisto de *A bela e a fera*, se mostra com o porte direto, simples e firme que nós sempre reconhecemos nela.

Desde sua primeira missão, da qual retirou sua tese de direito e sem dúvida seu livro mais célebre, *A Organização Social dos Dogon*, cristaliza o que ela jamais deixará de lado: uma inclinação pronunciada pelo “aspecto sobretudo ‘civil’ da vida social”, o rigor do método e da informação controlada, o gosto do detalhe concreto, o incurável espírito de racionalidade e, enfim, o prazer da coleta material de objetos. “Antes de tudo, eu pertencia a um museu com o qual eu compartilhava

os mesmos interesses”, escreveu no seu prefácio de 1935 como se fosse necessário justificar suas descobertas e compras. Vê-se assim a honestidade com a qual assinala o que lhe parecem suas faltas (“meu maior arrependimento hoje é de não ter trabalhado com as mulheres...a imagem que eu relatava...era do universo masculino”), o estilo claro e preciso, jamais empático e a preocupação controlada de nunca deixar aparecer nada de si no que escreve dos outros, mesmo se nós sabemos, através de algumas palavras pudicas no final de uma introdução, escrita em julho de 1939, a que ponto sua partida foi dilacerante. “Eu revejo a partida: depois de ter falado tanto, não podíamos nada mais dizer; o carro nos conduzia ainda alguns metros, uma curva – acabou”.

Denise Paulme nunca voltou aos Dogon. Seu campo seguinte foi feito entre os Kissi, com seu marido, sob os auspícios do Instituto Francês da África Negra, de outubro de 1945 a junho de 1946 e depois, de outubro de 1948 a maio de 1949, atraídos pelas famosas estatuetas de pedra, conhecidas como “pedras kissi”, as quais, logo ficaram sabendo, não eram de autoria dos Kissi. Desse trabalho de campo ela trouxe uma esplêndida monografia, *Gente do arroz*<sup>5</sup>, texto de uma grande beleza e de uma grande lucidez, onde uma extensa terceira parte trata da vida no além, do sistema de amuletos protetores e defensivos e, sobretudo, da crença na bruxaria que toma um lugar tão eminente nessa sociedade.

Outros campos se seguiram, nos quais sempre esteve muito aberta a tudo o que se oferecia: no país *Baga*, nos *Atié* (1964), nos *Nzema* (com Claude Helène Perrot – 1967-1968), mas, sobretudo, nos *Bété* da Costa do Marfim, região de Daloa, onde esteve em missão em 1958, subvencionada pela VI<sup>a</sup> seção da Escola Prática de Altos Estudos, onde ela havia sido eleita Diretora de Estudos<sup>6</sup> em 1957. Sobre os *Bété*, ela ainda escreveu uma monografia: *Uma sociedade da Costa do Marfim: ontem e hoje*<sup>7</sup>, na qual se deixa mais uma vez conduzir pelo campo. Ela esperava encontrar associações, sociedades, cultos femininos. Esses aspectos estavam ausentes bem como outros traços (“os *Bété* só se distinguiam, aos nossos olhos, pela ausência de instituições existentes tanto[...] entre seus vizinhos ocidentais da floresta quanto entre os habitantes da savana” vizinha). Foi o que teve de compreender através da análise das novas condições de vida, dada as culturas de exportação e a chegada dos agricultores estrangeiros. Não se passa impunemente em 30 anos, disse ela, de um tipo de vida de caçadores-coletores à economia capitalista. O livro analisa essa transição e sua relação com a suspeita de feitiçaria e a ansiedade face aos fracassos da vida.

Denise Paulme, em seus trabalhos monográficos de campo, oferece a seus leitores uma bela lição: a necessidade da adaptação do etnólogo ao seu campo, por mais ingrato em aparência ou decepcionante que ele seja. As lições a tirar estão lá, entre etnologia, direito e psicologia, para entender o que é a vida e o sistema de pensamento *desse* povo, *nesse* momento preciso, *nesse* lugar. Ela se utiliza, para isso, de todos os recursos de nossa arte: recenseamentos, histórias de vida, processos, enfim, literatura oral. Serve-se de contos, já na *Organização social dos Dogon*, como ilustração ideal e meio de compreensão de um sistema ideológico conscientemente dividido. Ainda que esteja implicada na análise (ela escreve: “eu”, “nós”), é raro que deixe transparecer sentimentos. Sobre as mulheres, no entanto, “Vê-se o quanto a existência pode ser difícil para uma mulher *bété*”, ou dessas crianças “que tremem de manhã nas estações das chuvas, mal vestidos, cinzas de frio, os braços apertados sobre o peito”. Sempre essa extraordinária percepção e faculdade de transmiti-la, por imagens fortes, em poucas palavras.

Durante todos esses anos, Denise Paulme, alimentada por seus trabalhos de campo, perseverou nas vias que havia traçado desde seu ingresso na etnologia, mas também abriu outras. Ela trabalhou toda a vida sobre a arte africana, como testemunham alguns de seus livros mais célebres: *As esculturas da África Negra*, *Paramentos Africanos*, *Arte Escultural Negra*<sup>8</sup>. Dedicou numerosos anos ao departamento de África Negra do Museu do Homem (1936-1961) e aceitou, durante três ou quatro anos, quando já era Diretora de Estudos na EPHE (VI seção) dirigir a seção África do Museu de Artes Africanas e da Oceania conhecido como o Museu da *Porte Dorée*, onde criou o inventário e tentou, de forma inovadora e infelizmente sem continuidade, introduzir no museu obras de pintura e escultura de jovens artistas africanos contemporâneos.

Fidelidade também à questão das mulheres, essas grandes esquecidas, na sua época, pelo trabalho etnográfico. Não que as mulheres estivessem ausentes, mas aparecem sempre como objetos, nunca como sujeitos de fala. Em 1960 ela edita *Mulheres da África negra*<sup>9</sup>, primeira grande obra senão feminista, ao menos onde o olhar etnológico é centrado nelas.

A novidade está no lugar crescente que tomam, em seus escritos, dois temas cuja importância lhe apareceu no seu trabalho de campo: os sistemas das classes de idade e a literatura oral. Sobre o primeiro tema, ela edita *Classes e associações de idade na África do Oeste*, em 1971 pela editora Plon, onde retoma as comunicações de um

colóquio que organizará em 1969, na EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais). Sua atenção, diz, foi atraída por esse assunto durante uma estadia entre os *Atié* em 1964. Tratava-se de saber porque a utilização do critério da idade como princípio organizador da vida social, critério reconhecido universalmente, não o é do mesmo modo em todas as sociedades, e nem mesmo é um dado geral entre as sociedades sem Estado onde se encontra esse tipo de instituição. Essa obra, mesmo datada, permanece uma referência obrigatória. Ela teve uma importância fundadora. Ao segundo tema, a literatura oral, ela dedica, a partir dos anos 60, uma parte cada vez maior e essencial de sua atividade de pesquisa, de ensino e de suas publicações. *A mãe devoradora. Ensaio sobre a morfologia dos contos africanos*<sup>10</sup>, é a mais bela testemunha desse considerável trabalho realizado; de “morfologia” como ele se refere, emprestando o conceito de Propp<sup>11</sup> mas numa linha de análise original que se pode qualificar de estrutural, mesmo se ali não houvesse nada do estruturalismo levi-straussiano. “Eu sempre procurei”, escreveu ela<sup>12</sup>, “encontrar analogias sob a diversidade aparente dos rituais, dos costumes e, mais recentemente, também dos contos” pois passado o deslumbramento da descoberta de uma nova cultura, num segundo tempo se vê que “num nível mais profundo são as semelhanças que prevalecem”. Aliás, ela recusa a perspectiva puramente histórica da pesquisa das origens preferindo interrogar-se sobre a permanência dos temas, ou seja, dos “problemas que a sociedade [...] não pode resolver de maneira totalmente satisfatória e que seus membros não deixam de se colocar geração após geração”<sup>13</sup>, ou seja, sobre a natureza dos invariantes.

Também em 1984 (edições *Le Sycamore*) publicou uma obra retomando, como em *A mãe devoradora*, alguns dos seus grandes artigos<sup>14</sup> e, anteriormente (em 1953, trinta anos antes) um *Que Sais-Je?*<sup>15</sup> intitulado *As Civilizações africanas* que foi reeditado inúmeras vezes sem modificações, tamanha sua qualidade, antes que o título fosse retomado, bem recentemente, pela editora *Presse Universitaire de France*, aparecendo revisado sob uma outra assinatura. E sempre, incansavelmente, esse trabalho de publicação em grandes revistas, não necessariamente etnológicas como na *Revue de l'Histoire des religions*, no *Journal de Psychologie normale et pathologique*, nos *Archives européennes de sociologie*, *L'Année sociologique*, *Cahiers internationaux de sociologie*, *Man*, *Africa*, o *Journal de la Société des africanistes*, *Présence africaine*, *Bulletin de l'IFAN*, *Objets et Mondes*, *Cahiers d'études africaines*, *L'Homme*, escolhas que testemunham, ao mesmo tempo, a diversidade dos seus interesses e seu renome.

Tendo ingressando na EPHE (VI<sup>o</sup> seção) em 1957, com a intervenção amigável de Claude Lévi-Strauss, como ela escreve em *Algumas lembranças*<sup>16</sup> ali vizinha com Louis Dumont, que se torna seu amigo e com quem continua se encontrando durante muito tempo após a aposentadoria<sup>17</sup>, tendo inclusive escrito textos juntos. Também é ali que vizinha com seus colegas africanistas Georges Balandier, Paul Mercier e Gilles Sautter com quem funda o Centro de Estudos Africanos, ao qual dedica todo seu cuidado para o bom funcionamento da instituição, o desenvolvimento da biblioteca e também de um centro de documentação dedicado ao estudo da literatura oral que foi dirigido, depois dela, por Véronika Görög-Karandy. Com eles e com Pierre Alexander e Michel Leiris, cria o *Caderno de Estudos africanos (Cahiers d'Études africaines)*. Ela foi, para todos, uma colega sólida cuja dedicação à instituição era bem conhecida.

A morte, em 1980, de seu marido, que Denise amava e admirava de modo tocante, abalou-a consideravelmente e ela teve muita dificuldade de se recompor, ainda mais porque essa solidão nova coincidia com o aprendizado da aposentadoria. Juntos, eles sempre viveram no pequeno apartamento sombrio e repleto de livros na rua *Fontaine-à-Moulard*, uma existência de grandes intelectuais apaixonados pela literatura, pela música, pela pintura, em uma palavra, pela arte. Amigos de Strawinsky, de Boulez, de Leiris, de Bracque....eles não eram, no entanto, mundanos; não pertenciam ao *tout Paris* mas eram reconhecidos como pessoas de gosto e cultura. Essas paixões compartilhadas ocuparam o lugar das crianças que Denise Paulme não teve, ainda que o lamentasse.

Denise nunca deixou de lado a vida intelectual. Continuou a escrever, mesmo se seu ritmo de publicações tenha se espaçado; dedicou-se à publicação de textos inéditos e à reedição dos textos esgotados de André Schaeffner<sup>18</sup>; trabalhou na publicação dos textos de autores americanos<sup>19</sup>, ajudada por seus amigos Louis e Nicole Evrard que trabalhavam como editores na *Gallimard*. Em todos os seus trabalhos editoriais contou com a ajuda considerável desse amigo dos últimos tempos que foi Jean Jamin, que ela conheceu em 1970. Foi ela quem o aconselhou na escolha do seu primeiro campo africano e quem o apresentou a Michel Leiris, em 1977. Nós a víamos em seminários, mesas-redondas como as da *Maison Suger*<sup>20</sup>; ela vinha assistir minhas aulas no *Collège de France*. Via-se sua silhueta baixa, sempre portando um chapéu, se instalar o mais discretamente possível; nunca intervinha de modo intempestivo, nunca dava lições, ficava contente de ser reconhecida, talvez



aborrecida de ser solicitada, surpresa com a atenção que dedicávamos à sua fala e à sua opinião.

Como sempre fez, Denise freqüentava regularmente exposições, museus, não faltava a nenhuma das novidades da *Fondation Dapper*<sup>21</sup>. Lia seus velhos autores favoritos e confessava sem vergonha alguma o gosto que compartilhava comigo pela literatura romanesca, a de Jane Austin, Thomas Hardy, Paul Auster, Nabokov... Escutava música e ia ao cinema; este era o seu lado secreto: o amor ao cinema. Para mim e para outras amigas, se constituiu um certo ritual, "*la sortie avec Denise*"<sup>22</sup>, numa das salas de cinema do Quartier Latin ou de Montparnasse, de preferência na sessão das 18 horas para que após pudéssemos jantar juntas num restaurante. Ela escolhia o filme de modo atento e pensado, mostrando que estava atualizada. Complacente, ria de todo o coração<sup>23</sup>. Quem não se lembra do riso franco de Denise Paulme? Ela também gostava muito de palavras cruzadas.

Parece-me que algo estranho ocorreu nas duas últimas décadas de sua vida. Antes, o contato amical com as mulheres, talvez pelo menos com aquelas que não eram de sua geração, parecia-lhe atemorizar ou-lhe ser difícil. Essa relação inverteu-se e penso poder afirmar que Denise Paulme suscitou ao seu redor numerosas amizades de jovens mulheres e ela apreciava isso. Era exigente na amizade, como foi rigorosa, toda sua vida, nos seus escritos e nos seus engajamentos intelectuais e políticos; todo engano nesses campos a levava a riscar a pessoa de sua vida, ato materializado no desaparecimento do nome na sua agenda de endereços. Ela era tímida, mas no entanto, tão forte.

Uma das imagens que gosto dela pode talvez surpreender. Com a idade, tinha-se tornado ao mesmo tempo mais coquete e atenta à sua aparência, e gostava do conforto das roupas modernas. Assim, na Bretanha, onde ela passava seguidas férias na minha casa de *Bodélio* era possível vê-la, com mais de 85 anos, subir vigorosamente os caminhos das colinas vestida com tênis, calça de malha preta, T-shirt, blusão com inscrição nas costas e uma leve mochila de adolescente, tudo comprado numa das lojas do bulevar *Saint-Michel*. Denise Paulme continuou sempre, incuravelmente, jovem de espírito e de corpo, apesar de algumas doenças da idade e o câncer que a alcançara *in fine*. É também por essa força iluminadora de vontade que nós a amávamos.

## Notas

1) Agradecemos a gentileza de Françoise Héritier em dar um depoimento para o vídeo que estamos realizando sobre Denise Paulme e outras alunas de Marcel Mauss; assim como este texto que acabara de escrever.

2) Paulme, D. "Sanga, 1935", *Cahiers d'Etudes Africaines* 65,17(1): 7-12.

3) Informação que me foi confiada por Lévi-Strauss, que escutou a frase da boca de Marcel Mauss. (NT: "La petite Paulme est une fine mouche" é uma frase de difícil tradução. Mauss faz um trocadilho com o sobrenome de Denise transformando-o em maça (Paulme/pomme) e a compara a uma mosca, que em francês tem o sentido de alguém curioso.)

4) Paulme, D. *Lettres de Sanga*. Paris, Fourbis, 1992.

5) NT. Paulme, D. *Les gens du riz*, Paris; Plon, 1954. (Reedição:1970)

6) NT: *Directeur d'Etude* é uma posição na academia que permite ao professor, além de ensinar, orientar teses de doutorado. Obtém-se esse cargo através de uma eleição onde vota o colegiado composto pelos *Directeurs d'Etudes* da instituição.

7) Paulme, D. *Une société de Côte d'Ivoire, hier et aujourd'hui*. Paris-La Haye, Mouton. Collection Le Monde d'Outre-Mer, passé et présent.

8) Paulme, D. *Les sculptures de l'Afrique noire*, Paris, PUF, 1956; Paulme, D. e J. Brosse. *Parures africaines*, Paris, Hachette, 1956; *L'Art sculptural nègre*. Paris, *Art et style*, n: 62-63, 1962.

9) Paulme, D. *Femmes d'Afrique Noire*. Paris, La Haye, Mouton. Collection Le Monde d'Outre-Mer, passé et présent.

10) Paulme, D. *La mère dévorante. Essai sur la morphologie des contes africains*. Paris, Gallimard, 1976.

11) Propp, Vladimir. *Morphologie du conte*. Le Seuil, 1970.

12) Paulme, D. *La statue du commandeur. Essais d'ethnologie*. Paris, Le Sycomore, 1984. Collection Les Hommes et les signes.

13) Paulme, D. *La mère dévorante. Essai sur la morphologie des contes africains*. Paris, Gallimard, 1976.

14) Paulme, D. *La statue du commandeur. Essais d'ethnologie*. Paris, Le Sycomore, 1984. Collection Les Hommes et les signes.

15) NT: Coleção publicada pela editora Presse Universitaire de France equivalente no Brasil a Primeiros Passos (Brasiliense).

16) *Cahiers d'Etudes Africaines*, 73-76: 9-17.

17) Louis Dumont morreu no mesmo ano de 1998, em novembro.

18) Dois destes, aos quais ela tinha se dedicado nos últimos meses de sua vida, saíram das gráficas uma semana depois de sua morte. Trata-se de *Variations sur la musique*, Paris; Fayard, 1998 et de Pierre Boulez et André Schaeffner, *Correspondance 1954-1970*, Paris, Fayard, 1998.

19) Clifford Geertz, *Savoir local, savoir global*, Paris, PUF, 1986; Robert Goldwater, *Le Primitivisme dans l'art moderne*, Paris, PUF, 1986.

20) NT: A Maison Suger, localizado no Quartier Latin, de propriedade da EHESS, é local onde se realizam colóquios e seminários.

21) NT: A Fundação Dapper mantém um importante museu de arte africana em Paris.

22) NT: cuja tradução literal seria “sair com Denise”.

23) NT: No original: “Elle était bon public, riait de bon coeur”.